

MUNIÇÃO CLUSTER: O QUE É, E POR QUE AGORA?

*Por Alain Rodier**



Militar dos EUA carregando munição DPICM de 155 mm durante um exercício na Coreia do Sul em 2016 (Gabriel Jenko/US Army//Wikimedia Commons).

Os Estados Unidos anunciaram o envio de munições cluster para a Ucrânia, a fim de ajudar Kiev no contexto da contraofensiva contra a Rússia.

As forças russas atrasaram a contraofensiva ucraniana lançada no início de junho, implantando fortes defesas por semanas que se baseiam em campos minados – incluindo modelos antipessoal – e batidos por fogos. Além disso, Kiev começa a carecer de munição de artilharia, essencial durante qualquer ofensiva. Como resultado, os Estados Unidos decidiram enviar munições cluster de 155 mm para a Ucrânia para ajudar seu exército a repelir as forças russas entrincheiradas nas linhas de frente.

O governo do presidente Joe Biden anunciou em 7 de junho que enviará milhares dessas munições sob um novo pacote de ajuda militar no valor de US\$ 800 milhões, elevando sua assistência para mais de US\$ 41 bilhões desde o início do conflito em fevereiro de 2022. Biden disse na CNN: “Esta foi uma decisão muito difícil para mim.” Ele disse que discutiu isso previamente com os países aliados e com o Congresso americano.

Jake Sullivan, o conselheiro de segurança nacional dos EUA, foi um passo além ao dizer que o presidente Biden tomou a decisão após uma “recomendação unânime” de seu governo. Além disso, Kiev teria fornecido garantias por escrito sobre o uso que suas forças fariam dessas armas, a fim de minimizar “os riscos para os civis”.

Muitos países proibiram o uso e a produção desse tipo de munição de acordo com a Convenção de Oslo de 2008.

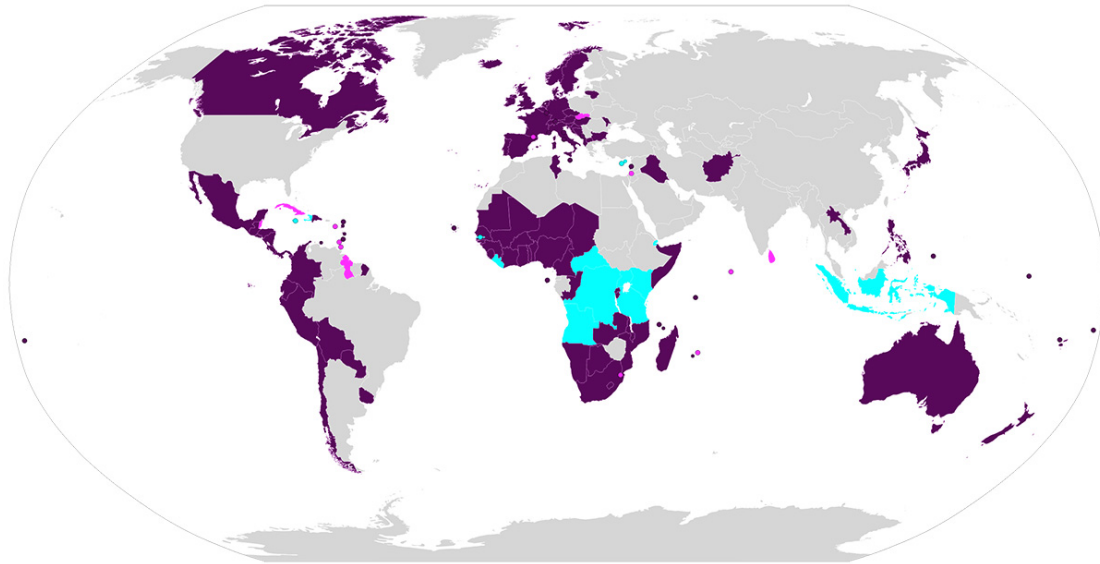


FIGURA 1: Mapa dos países onde a Convenção sobre Munições Cluster entrou em vigor (em roxo), bem como os que assinaram, mas não ratificaram (em azul) ou aderiram (em rosa) ao acordo. EUA, Rússia, Ucrânia, China, Índia, Paquistão, Israel, Arábia Saudita, Maghreb (exceto Tunísia), etc. não o assinaram (AndrewRT/Wikimedia Commons).

O QUE É UMA MUNIÇÃO CLUSTER?

DPICM (Dual-Purpose Improved Conventional Munitions, munições convencionais melhoradas de dupla finalidade)

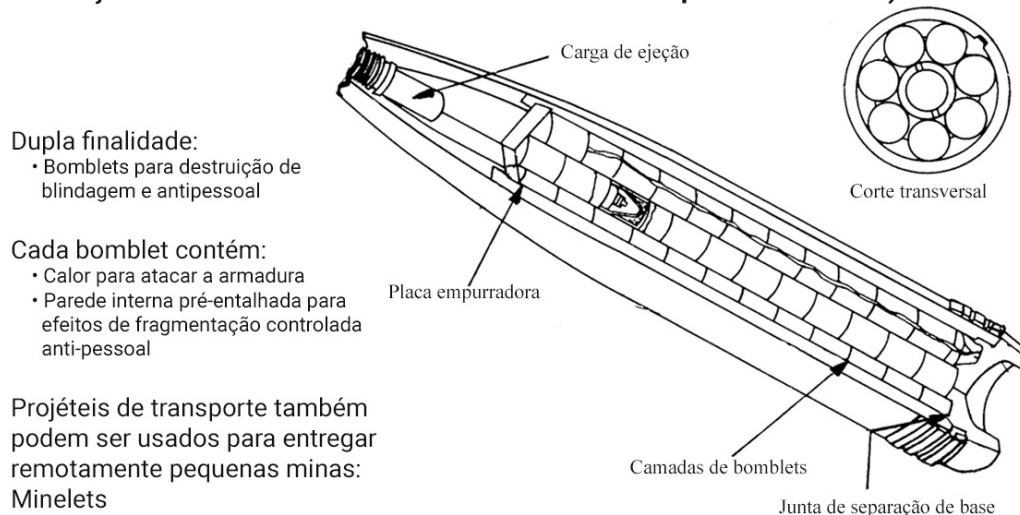


FIGURA 2: Gráfico com detalhes básicos sobre um projétil de artilharia típico carregado com submunições DPICM (Departamento de Defesa dos EUA).

Submunição M77 (DPICM)

Altura: 81 mm
Diâmetro: 38 mm

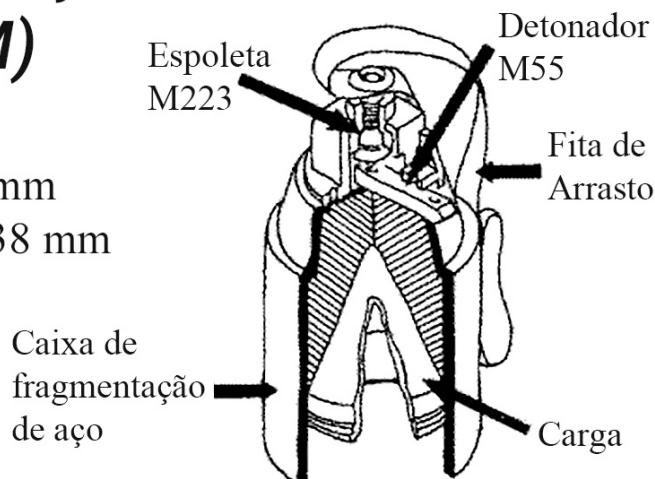


FIGURA 3: Gráfico mostrando as características gerais da submunição M77 DPICM (Exército dos EUA).

Uma munição cluster é uma bomba, foguete ou projétil que se abre no ar e lança granadas (também chamadas “bomblets”) em uma grande área. São projetadas para neutralizar veículos ou pessoal a pé, atingindo vários alvos ao mesmo tempo. Munições cluster são disparadas pelas mesmas armas de artilharia que os Estados Unidos e seus aliados já forneceram à Ucrânia para a guerra – como obuses.

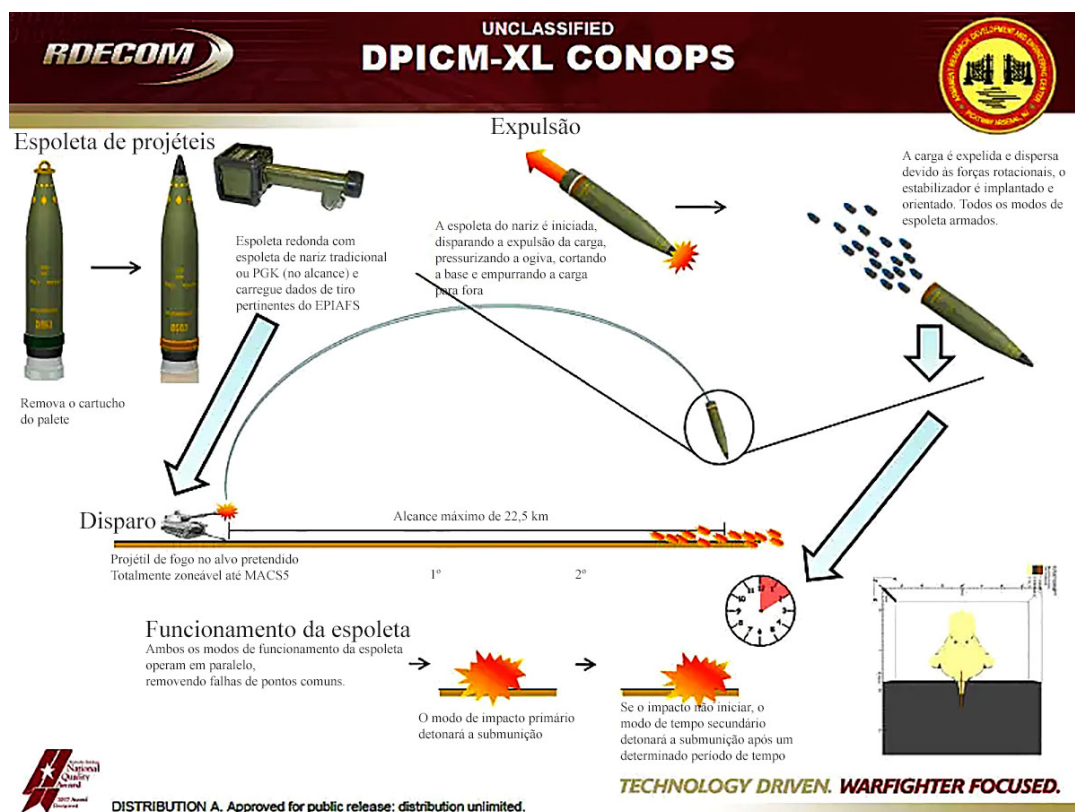


FIGURA 4: Slide de instrução do Exército dos EUA mostrando o funcionamento de um projétil DPICM-XL mais moderno (Exército dos EUA).

As submunições DPICM (*Dual-Purpose Improved Conventional Munitions*, munições convencionais melhoradas de dupla finalidade) abrangem vários tipos de projéteis de artilharia e foguetes carregados com vários tipos de submunições que são todos projetados para funcionar da mesma maneira. A maior parte da produção de munição carregada DPICM ocorreu entre as décadas de 1970 e 1990, o que significaria que a munição americana tem mais de trinta anos...

Essas submunições podem ser transportadas em projéteis de 105 mm, 155 mm e 203 mm, bem como em foguetes de artilharia de 227 mm que podem ser disparados do M270 *Multiple Launch Rocket System* (MLRS) e do M142 *High Mobility Artillery Rocket launchers System* (HIMARS). Esses dois sistemas estão em serviço com o exército ucraniano e surge a questão sobre o possível fornecimento de munições *cluster*.

O DPICM evoluiu da série anterior de *Enhanced Cluster Munitions* (ICM). O “propósito duplo” decorre do fato de que as submunições DPICM, que os militares dos EUA chamam de “granadas”, são projetadas para serem pelo menos eficazes contra veículos blindados, bem como alvos mais fáceis, como veículos convencionais e forças desmontadas.

Embora existam vários tipos de submunições DPICM, todas são projetadas da mesma maneira básica, com uma carga perfurante em forma de armadura cercada por um invólucro que funciona como uma granada defensiva enviando estilhaços ao redor.

O problema é que em conflitos anteriores e atuais (Vietnã, Afeganistão, Iêmen, Líbano, etc.), as munições *cluster* tiveram uma alta taxa de falhas de disparo, o que significa que milhares de granadas não detonadas ficam para trás e matam ou mutilam pessoas por muitos meses ou anos depois. Os americanos reconhecem até 20% de granadas não detonadas, mas há casos muito específicos que retardam as submunições (relativamente estabilizadas por uma fita de cauda) em sua queda: vegetação densa, pântanos, etc.

Os Estados Unidos usaram esse tipo de munição pela última vez em combate em 2003 no Iraque. Eles pararam de usá-la quando as operações passaram para ambientes urbanos com populações civis mais densas.

O porta-voz do Pentágono, brigadeiro-general Patrick S. Ryder, disse que o Departamento de Defesa tem “diversas variantes” das munições e que “as que planejamos fornecer não incluiriam modelos mais antigos com taxas mais altas de não explosão superior a 2,35%”. Em uma munição que contém 600 granadas, cerca de 14 não explodem com o impacto.

POR QUE FORNECÊ-LA AGORA?

Por mais de um ano, os Estados Unidos usaram seus próprios estoques de munição de 155 mm e enviaram mais de dois milhões de cartuchos para a Ucrânia. Aliados em todo o mundo forneceram centenas de milhares mais. Um projétil padrão de 155 mm pode atingir alvos a distâncias de 24 a 32 quilômetros, tornando-se a

munição de escolha para as tropas terrestres ucranianas que tentam atingir alvos dentro das linhas inimigas.

A munição *cluster* é uma opção atraente porque pode destruir mais alvos com menos projéteis e, como os Estados Unidos não as utilizam desde 2003, possuem grandes quantidades em estoque. Os republicanos relataram mais de três milhões dessas armas.

Ryan Brobst, analista de pesquisa do National Endowment for Democracy (NED), disse: “As munições *cluster* são mais eficazes do que os projéteis de artilharia convencionais porque infligem danos a uma área mais ampla [...] Isso é importante para a Ucrânia, pois tenta limpar posições russas fortemente fortificadas [...] A exploração dos estoques de munições *cluster* dos EUA poderia remediar a escassez de projéteis na Ucrânia e aliviar a pressão sobre os estoques de 155 mm nos Estados Unidos e em outros lugares”.

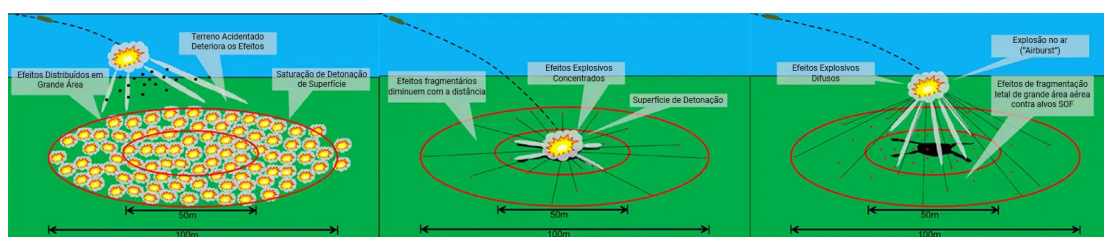


FIGURA 5: Gráfico de comparação geral entre os efeitos de uma bala de artilharia de munição cluster (à esquerda), uma unitária de alto explosivo com espoleta de impacto (no centro) e uma espoleta de explosão aérea (à direita) (Departamento de Defesa dos EUA).

Além disso, desde que a Rússia lançou sua invasão em 2022, está claro que as forças ucranianas tiveram oportunidades regulares de atingir grandes concentrações inimigas. Novamente, seria necessário um volume maior de projéteis convencionais e mais tempo para saturar uma área do mesmo tamanho.

Um argumento a favor do envio de tal munição para a Ucrânia é que seus governantes legítimos escolheriam usá-la em seu próprio território. Eles aceitam os riscos de fazê-lo e não impõem seus efeitos de longo prazo a outro estado.

Também deve ser notado que os militares dos EUA já forneceram projéteis de artilharia de fragmentação carregados com minas antitanque dispersáveis, que também representam uma ameaça para outros tipos de veículos. Não está claro por que os obuses RAAM (*Remote Anti-Armor Mine*) de 155 mm não geraram o mesmo tipo de debate político.

E A LEGALIDADE?

O uso de bombas de fragmentação em si não viola o direito internacional, mas seu uso contra civis pode constituir um crime de guerra. Como em qualquer ataque, é necessário verificar se o alvo é legítimo e fazer de tudo para evitar baixas civis.

O vice-diretor de armamentos da Human Rights Watch, Mark Hiznaya, disse à *Associated Press*: “No entanto, a parte do direito internacional em que começa a

desempenhar (um papel) são os ataques indiscriminados contra civis [...] então não está necessariamente relacionado a armas, mas como as armas são usadas”.

Não há arma milagrosa capaz de reverter sozinha o rumo da guerra, a não ser as bombas atômicas americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Dito isto, os projéteis e outros foguetes de munição *cluster* podem de fato ajudar o exército ucraniano de maneira significativa, seja na fase ofensiva como é o caso atualmente, seja na defensiva se os russos tentarem recuperar a iniciativa.

Na realidade, elas poderiam ajudar a estabilizar a frente, o que obrigaria as partes a adotar uma solução “coreana”: nenhum acordo de paz, mas uma linha de demarcação desde 1953...

Publicado no [Atlantico](#).

****Alain Rodier** é ex-oficial sênior dos serviços de inteligência franceses. Atualmente é vice-diretor do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (CF2R), onde é responsável pelo monitoramento do terrorismo de origem islâmica e do crime organizado. É autor do livro “Face à face Téhéran-Riyad. Vers la guerre ?”.*
